



MARCADA

DAS CINZAS DE UM AMOR
OBSESSIVO, ELA TERÁ DE SE
ERGUER PARA RECONSTRUIR
O MUNDO.

Harper L. Woods

DA AUTORA DE *COVEN*

MARCA DA

Harper L. Woods

MARCADA

Tradução de Luciana Dias





Para os que amam assassinos.

SOBRE OS AMALDIÇOADOS

TRAIÇÃO.

Ele foi a dissimulação à espreita na noite; a verdade que não previ. Depois de uma vida de manipulação, finalmente soube a verdade. Eu era sua marionete — mesmo sem nunca ter visto as cordas.

Mesmo sabendo como a traição de Gray é profunda, não consigo me livrar da conexão inegável que existe entre nós dois — a maneira como um único olhar dele faz minha alma arder. Nós não somos iguais. Somos inimigos, prontos para lutar pelo futuro daquilo que antes eu sempre quis destruir.

Agora que a Aliança se foi, a vingança que eu achei que quisesse não é mais minha prioridade. Os bruxos que restaram não tiveram nada a ver com a morte da minha tia, e a única pessoa que está atrapalhando a reparação de todas as injustiças é o mesmo homem determinado a me manter na sua cama.

Mas os membros remanescentes do coven nunca vão me perdoar pelo papel que desempenhei na sua destruição e subjugação, e a pior parte de tudo é que nem posso culpá-los por isso. Eu fui ingênua, acreditando nos meus próprios delírios de grandeza quando o destino claramente tinha outros planos para mim. Planos que foram acionados séculos antes de eu nascer.

Mas até mesmo isso era mentira, e agora é meu dever fazer tudo ao meu alcance para reverter a situação.

Para proteger o meu coven do ódio do meu marido — não importa a que custo.

PRÓLOGO

LÚCIFER ESTRELA DA MANHÃ

CINQUENTA ANOS ANTES

Loralei Hecate vagava pelos corredores, seu cabelo de um preto intenso balançava enquanto caminhava. O pedaço de ônix na palma da sua mão de nada adiantaria para protegê-la da criatura em seu encaço, mas isso não a impedia de se agarrar a ele como se sua vida dependesse disso enquanto eu a seguia pelas sombras. Sua melhor amiga era uma Branca, que deu a pedra para Lorelei se proteger da sensação constante de estar sendo perseguida da qual não conseguia se livrar.

A única proteção que teria encontrado seria estar cercada por outros bruxos, e, para piorar, ela foi imprudente a ponto de sair do refúgio da sua cama à noite. Não tive muito trabalho para tirá-la de lá, bastou um sussurro a chamando, tão sutil que não ativou o amuleto em volta do seu pescoço.

Eu me mantive nas sombras para evitar que ela percebesse minha presença. Sua morte precisava ser no lugar certo, porque, por mais que ela precisasse morrer, eu não queria que ela sofresse. Não tinha nenhum desejo de que seus instantes finais fossem preenchidos com medo e escuridão.

A morte dela não era nada pessoal. Na verdade, era apenas um sacrifício destinado a fazer tudo se concretizar.

Séculos de planejamento dependiam desse momento e exigiam o cessar das batidas do seu coração, mas ela conquistou meu respeito após desempenhar seu papel nos anos que culminaram nesse momento.

Loralei parou de repente, se virando para olhar para mim. O azul intenso dos seus olhos brilhou na escuridão, reluzindo como o luar com um tom roxo

pálido que lembrava tanto o da sua ancestral, Charlotte. Sua testa franziu e sua boca se abriu em um grito silencioso quando ela se moveu, deixando o cristal ônix cair no chão.

A proteção da pedra ficou esquecida quando ela viu que era eu que estava atrás dela. Ela não sabia quem eu era de verdade, ou *o que* eu era por baixo do invólucro de carne e ossos que eu habitava, mas nada bom podia vir de um Hospedeiro perseguindo sua presa na calada da noite.

Dei um único passo em sua direção e parei de repente quando olhos díspares miraram na minha direção. Uma mulher apareceu na luz fraca que reluzia através das janelas, se aproximando com hesitação de Lorelei. Seu corpo parecia irreal, como se ela estivesse e ao mesmo tempo não estivesse lá. Se eu estendesse o braço para tocar nela, me perguntei se encontraria carne ou apenas o mais fraco eco de uma memória quase esquecida.

Lorelei correu em disparada para a frente em direção a uma curva no corredor enquanto a mulher procurava nas sombras que eu considerava minha morada. Ela não viu nada, seu olhar sinistro e multicolorido rastreando todos os lugares, procurando como se ela pudesse me *sentir*, mas não me ver.

Mas eu a vi.

Eu a senti. Assim que aqueles olhos roxo e âmbar pousaram nos meus, soube exatamente o que ela era — quem ela era. Seu cabelo preto retinto caía pelos ombros em ondas suaves, o tom avermelhado das pontas me lembrando o melhor merlot. Seu corpo era curvilíneo e macio, com coxas grossas que eu só conseguia imaginar envolvendo a minha cabeça, e seios que iriam balançar quando eu a fodesse.

Minhas intenções para a “filha de dois” nunca foram torná-la minha. Nunca foram ficar com ela, apenas usá-la pelo que sua rara combinação de magia pudesse me oferecer.

Tudo mudou quando um rugido ressoou no meu peito, perfurando o meu corpo. O chão tremeu sob meus pés com a força dele, as janelas chacoalhando na parede enquanto obras do destino estalavam e se encaixavam em uma interminável sinfonia como o som de ossos balançando ao vento.

Lorelei agarrou o saco de ossos no quadril quando a jovem bruxa Hecate se virou e seguiu a tia, o fantasma do seu semblante piscando ao luar. Seu olhar recaiu no envoltório como se ela sentisse o chamado dos ossos, parte dela reconhecendo que um dia eles seriam seus.

Ela os queria, e tudo o que eu queria era pegar o que era meu.

Ela.

— Não tenho o que você procura — disse Lorelei para o vazio.

Ela continuava me encarando, seu corpo estremecendo com cada passo que eu dava. Os corredores pulsavam reconhecendo o que passava por eles à medida que eu soltava as pequenas amostras de poder que eu podia acessar nessa forma, preenchendo a universidade com a minha presença.

A bruxa Hecate mais jovem, a mulher que ainda não tinha nascido, vacilou e se apoiou com uma das mãos na parede. A respiração das duas bruxas ondulava à frente do rosto delas enquanto a temperatura do corredor ficava tão baixa que chegava a queimar.

— Lorelei! — a bruxa mais jovem chamou em pânico. Lorelei desviou o olhar para o lado como se ela também tivesse visto a estranha bruxa, seus olhos se arregalando ao reconhecê-la. Ela soltou o saco com os ossos que lhe davam poder, seu corpo ficando imóvel enquanto eu assistia a algo se estender entre elas.

— Corra, Charlotte. Corra! — gritou ela conforme a outra bruxa se aproximava para ajudar sua tia.

Charlotte.

Havia uma certa familiaridade nela, emanando do seu corpo em ondas que me lembravam da bruxa original. Daquela que havia me chamado na floresta naquela noite e implorado por meios de obter vingança.

Mas aquele nome estava errado, como se a parte que permanecia independente daquela familiaridade se rebelasse contra a noção de estar tão completamente ligada à ancestral que havia começado tudo aquilo.

Ataquei, minha mão com garras saindo das sombras tão rápido que duvidei até mesmo que a nova bruxa tivesse me visto. O peito de Lorelei revelou três marcas de corte abertas vermelhas e profundas, e seu sangue espirrou no rosto da mais nova. Ela estendeu o braço ao cair de joelhos, segurando a sobrinha pelo braço conforme o chão estremecia. Dei um passo para me aproximar, pronto para pegar o que era meu, mesmo que isso destruísse tudo.

Meu corpo se moveu como se estivesse em transe, como se ela tivesse usado os ossos que não possuía para comandar meu corpo.

— Acorde, Willow — sussurrou Lorelei, revirando os olhos.

Willow.

Era esse o nome certo. Aproximei-me ainda mais, minha atenção fixada não na bruxa que tinha vindo matar, mas naquela que eu planejava possuir um dia.

Varri minhas garras no ombro dela em três movimentos rápidos e incisivos. Willow gritou enquanto seu sangue fluía para baixo das minhas unhas, cobrindo meus dedos e me fazendo sentir completo pela primeira vez em séculos. Levei os dedos à boca, obtendo o primeiro gosto do meu futuro.

Ela se virou para me olhar, e me perguntei se a criatura curiosa me veria lá parado. Eu me perguntei se ela já era minha enquanto eu me inclinava para baixo, arrastando o nariz pelo cabelo dela na sua nuca e inalando o seu cheiro.

— Acorde! — gritou Lorelei.

O chão tremeu sob os meus pés enquanto minha raiva aumentava, a bruxa que sangrava fazendo tudo o que pudesse para tirar minha bruxinha de mim. Willow caiu, seus joelhos prontos para bater na pedra.

Até ela desaparecer.



1

WILLOW

ARFEI NO MOMENTO EM que aqueles estranhos e brilhantes olhos dourados encontraram os meus sem hesitação, o olhar fixo me prendendo no lugar. Minha mão tremeu contra o peito dele e, piscando, tentei reprimir lágrimas horrorizadas.

O que foi que eu fiz?

Engoli em seco, desviei devagar meu olhar do dele e fitei os arquidemônios, observando nossa interação com muito mais interesse do que eu gostaria. Mexi a mão, ainda pressionada contra o peito dele, sua pele rachando e descascando onde tinha queimado contra a minha. Um enjoo ardeu no fundo da minha garganta com o cheiro quando eu a puxei outra vez e vi a carne viva no formato da minha mão.

A marca era um vermelho vivo contra o dourado da pele dele. Minha respiração vibrava nos meus pulmões à medida que eu lutava para me libertar, mas não ousei fazer isso tão rápido. Ele me observava, seu olhar dourado e sinistro avaliando cada movimento meu, enquanto eu tentava sufocar o pânico que se alastrava pelo meu corpo.

A mão dele se moveu rápido quando me afastei, rasgando mais da pele queimada e carbonizada. Ele me segurava firme pela cintura enquanto eu tentava me soltar. Movendo-se devagar, ele se sentou, deslizando com fluidez e suavidade, um movimento que não entregava um indício sequer de quanto tempo seu corpo esteve vazio e negligenciado. Eu me movi junto com ele já que ele não me deu escolha. Ele balançou as pernas devagar para a lateral do catre, que os arquidemônios haviam elevado, colocando-o nos braços do trono de Tétis para que sua altura estivesse nivelada com a minha quando eu me levantasse.

O catre, apesar da posição precária, não se deslocou quando ele se mexeu, seu movimento tão controlado que beirava o sobrenatural. Seu olhar inflamado nunca deixou meu rosto para mirar os outros na sala quando sua outra mão se levantou, indo para baixo do meu braço livre e se instalando na minha cintura. Seus dedos agarraram o tecido da minha blusa, juntando tudo contra a minha pele enquanto ele me trazia para a frente, entre suas pernas abertas.

Ele manteve seu olhar fixo no meu, ignorando o tremor da minha mão e do meu lábio inferior, se inclinando para pressionar a testa na minha. Soltou um suspiro profundo no momento em que nossa pele se tocou, a mão que agarrava o meu pulso se contorcendo conforme seus olhos finalmente se fechavam.

Engoli em seco, me afastando para encará-lo. Rangendo os dentes de trás, ele tirou a mão da minha cintura e a ergueu para deslizá-la por baixo do meu cabelo e tocar a minha mandíbula. O suor deixou minha pele escorregadia com o contato, o corpo dele tão quente que parecia ser capaz de me queimar. Era um contraste tão grande com o frio marcante que sempre permeava o ar em volta do seu Hospedeiro.

— Não me olhe assim, Bruxinha — murmurou ele, com suavidade, pressionando a mão na curva da minha nuca quando tentei me desvencilhar do seu toque.

Aqueles olhos etéreos se endureceram em um olhar furioso, brilhando como ouro derretido quando eu usei esse momento de distração para arrancar a mão do seu peito. Tentei não olhar o perfeito contorno que maculava sua pele, e a maneira como não parecia mostrar qualquer sinal de cura como eu esperava.

Ele inclinou a cabeça para fitar a marca, seus lábios abrindo um sorrisinho cruel.

— Você me marcou — disse ele, erguendo o olhar sem levantar a cabeça, um indício de dentes brancos nos seus lábios entreabertos. Era um olhar de satisfação presunçosa, puramente dominante. Um predador que ganhou sua presa.

— Fiz tudo o que você pediu — afirmei, balançando a cabeça e tentando me desvencilhar dele. Ele pegou minha mão, erguendo-a para fitar o que restava da carne queimada dependurada na minha pele. Quando ele tocou nela com um único dedo, assisti horrorizada aos resquícios derreterem e se transformarem em sangue, deslizando para fora da minha mão e caindo no chão aos nossos pés. Da mesma maneira que ele derreteu a nova carne dos ossos do coven para formar Charlotte, e a lembrança estava fresca demais na minha mente.

— Fez, sim — concordou ele, tracejando um dedo pelo seu sangue e subindo com ele para onde meu pulso saía da manga do meu suéter.

— Então me deixe ir. Você não precisa mais de mim — argumentei, mantendo a voz baixa. O dedo dele parou aquele tracejar lento e traiçoeiro na minha pele, congelando enquanto sua unha pareceu se alongar na súbita raiva que pulsava dele em ondas.

Perfurou a minha pele, meu próprio sangue brotando, e arfei com a calidez do seu sangue deslizando para dentro da ferida e se emaranhando com o meu próprio. A sensação não deveria ser aquela, não deveria invadir minhas veias com um calor que formigava e que me fez arder.

Mas invadiu.

— Você quer me deixar — disse ele, voltando devagar aquele olhar animalesco para meu rosto de novo. Não havia calor na rigidez da sua ira, apenas uma raiva que eu não queria contemplar enquanto eu me encolhia tentando me afastar.

— Que motivo eu teria para ficar? — perguntei. O rosto dele caiu em desânimo em seguida, a raiva que havia pouco estivera ali desapareceu tão de repente que me impactou. De alguma maneira, o grande vazio e a falta de emoção nas suas feições eram piores do que a sua raiva.

Ele me soltou, me fazendo cambalear e tropeçar nos meus próprios pés com minha súbita liberdade. Dei mais um passo para trás enquanto ele se levantava com toda a tranquilidade do mundo, essa forma tão similar à do Hospedeiro que ele ocupou por séculos. Só que aquela forma tinha sido uma imitação vazia do homem real na minha frente, da beleza masculina e dominante que caminhava na minha direção com uma confiança deliberada.

Ele era tão lindo antes, mais bonito do que qualquer ser humano que eu já tinha visto, mas agora, nessa forma, de alguma maneira ele era ainda *mais*. Seu cabelo estava mais grosso, mais escuro, de um castanho profundo tão próximo de preto que apenas os lampiões acima conseguiam expor a diferença. Sua estrutura óssea era mais acentuada de alguma maneira, mais refinada e distintamente máscula. Seus olhos dourados pareciam repousar mais profundos na estrutura do seu rosto, tornando sua testa mais pronunciada. Apesar do delicado volume da sua boca, a tensa linha que ela formava era ameaçadora e cruel enquanto ele me encarava. Ele parecia maior do que antes, não apenas na altura, mas na largura também. Seus músculos estavam entalhados nessa figura esbelta, como se ele fosse uma escultura que pertencia a uma das igrejas de Roma.

Porque elas foram inspiradas nele.

Até mesmo seus antebraços e suas mãos transmitiam força e habilidade de rachar minha coluna em duas se eu olhasse para ele de modo hostil. Sua

essência preenchia o espaço, nos mergulhando na escuridão conforme o ar ficava doentiamente quente, o gosto de maçãs cobrindo minha língua.

— Consegui o que vim fazer aqui e coisas que eu nunca iria querer — falei em uma tentativa de relembrar a ele que sempre tive um plano ao vir para o Vale do Cristal. No meu cenário ideal, essa cidade sempre foi só um ponto de parada, se eu conseguisse sobreviver a ela pelo menos.

O que parecia improvável, dada a série de eventos lamentáveis.

Como ser esfaqueada pelo homem por quem de alguma maneira eu acabei me deixando apaixonar, como a garota ingênua que ele me acusou de ser.

Até eu sabia que não tinha chance de lutar pela minha liberdade. Minha magia estava distante, usada em excesso no rompimento do lacre, e sem nada da terra por perto para eu invocar. Olhei para o trono dos Madizza pelo canto do olho, as pétalas de rosa pretas retintas esvoaçando em um vento invisível como se elas sentissem o fraco chamado da minha magia.

Dei um passo para trás mais uma vez, esperando me aproximar só mais um pouco e evitar a promessa de morte que Lúcifer carregava em seus olhos. Bati as costas em alguma coisa imensa e dura e inclinei a cabeça para olhar para onde Belzebu me fitava com desinteresse — suas asas pretas e de couro se contorcendo ao se curvarem em volta dos seus ombros. Ele estendeu o braço na frente do meu corpo, segurando meu queixo com uma das mãos enquanto a outra tocava na parte de trás da minha cabeça.

Minha respiração ficou presa na garganta, percebendo o que ele pretendia mais rápido do que eu conseguia reagir. Gray não me deu nem a cortesia de ele mesmo me matar, permitindo que seu servo fizesse o trabalho sujo afinal.

Os olhos de Lúcifer se arregalaram, sua expressão ficou horrorizada e sua boca se abriu de repente.

— Não! — ordenou ele na hora em que Belzebu estalou a minha cabeça para o lado.

Um estalo ressoou no meu crânio quando Gray correu para a frente, me alcançando na hora em que eu caí. Ele me impediu de desabar no chão quando minha cabeça pendeu em um ângulo anormal que eu não conseguia endireitar, meus pulmões comprimindo enquanto eu dava o suspiro final.

A mão dele bateu no meu peito, uma dor se espalhando pelo calor do seu toque quando tudo o que me cercava era frio.

Mas, por dentro, eu queimava.



2

LÚCIFER

WILLOW CAIU, SUAS PERNAS cedendo enquanto seus olhos se reviravam. Belzebu a soltou como se ela o tivesse queimado quando gritei para protestar, como se isso bastasse para desfazer o que havia feito. Meu corpo se moveu com mais velocidade do que achei que seria capaz, me fazendo cambalear um pouco enquanto me acostumava à sensação da minha própria pele envelopada em volta da minha alma.

Antes que Willow atingisse o chão, deslizei um braço por baixo dela para amortecer a queda. Estremeci com o ângulo antinatural do seu pescoço, a maneira como ele pendia frouxo sem qualquer sustentação óssea. A sua figura me lembrou a de Susannah, a maneira grotesca como sua morte tinha se agarrado ao que restava dela mesmo depois que Charlotte e eu a ressuscitamos do túmulo.

Não.

Os olhos dela se reviraram enquanto sua alma era separada do seu corpo físico, o fantasma do seu espírito subindo do seu peito em uma vaga forma nebulosa.

— Me desculpe — murmurei, mesmo sabendo que ela não ia me ouvir. A Willow que eu conhecia não conseguia mais sentir os que estavam tentando alcançá-la, seu espírito perdido para o chamado do Inferno na sua alma. O que eu estava prestes a fazer lhe provocaria dor, ia atormentá-la, e é provável que a fizesse me odiar ainda mais.

Empurrei a mão para dentro da névoa que saía do seu coração, batendo a palma da minha mão na pele nua do seu peito. Tentáculos escuros de magia

sombria e proibida se espalharam pela névoa que poderia ter lhe trazido paz se sua alma não tivesse sido condenada pelas ações dos seus ancestrais, envolvendo o que restou de Willow e se agarrando a ela.

A pele dela rachou sob minha mão, se abrindo como se ela fosse feita de porcelana. A escuridão se espalhou pela sua pele como as trepadeiras que ela amava, criando um vácuo no seu corpo enquanto eu concentrava a minha magia para agarrar até o último fiapo da sua alma. Eu não deixaria nenhuma parte dela me escapar, não deixaria nenhum pedacinho da mulher que passei a desejar mais do que minha própria liberdade se separar do que a tornava *ela mesma*.

Os tentáculos travaram, enjaulando-a em um abraço cruel e brutal enquanto seu corpo estremecia nos meus braços. Minha mão livre avançou para cima nas suas costas, deslizando por baixo da blusa e tocando na marca que eu tinha feito no seu ombro. A que a tornava *minha*.

A que me permitia prendê-la a mim em uma tentativa desesperada de salvá-la.

Suas costas se arquearam involuntariamente enquanto minhas unhas se enterravam no centro do triângulo que eu havia infligido à sua pele, se alongando em garras pretas que furaram sua carne. Eu sabia que a agonia que ela sentiria ao acordar seria insuportável, que ela se lembraria de partes do que ocorrera nas dores que atormentariam seu corpo.

Aninhando-a nos meus braços, inclinei-me para a frente e toquei a testa dela com a minha, mantendo-a em posição enquanto eu movia minha mão no seu peito, enterrando os dedos entre as frestas que eu havia criado na sua pele.

A magia obscura que usei para aprisionar sua alma ali voltava para mim, cercando minha pele e prendendo-a de volta no seu corpo. Foi só quando a alma dela retornou, envolvendo seu coração e se aconchegando na carne morta e inútil do corpo dela, é que eu puxei os dedos para fora e encarei o lugar onde a névoa escurecida com estrias pretas e verdes bem claras rodopiavam dentro da fenda que eu tinha feito.

Ela estava lânguida quando a puxei de volta, erguendo meu antebraço para Belzebu, que o fitou e engoliu em seco.

— Lúcifer... — disse ele, sua voz diminuindo até parar conforme ele olhava de mim para a minha mulher.

— Faça agora — ordenei, assistindo enquanto ele desembainhava sua adaga preferida da tira atravessada no peito. Ele a pressionou para dentro da parte inferior vulnerável do meu pulso, arrastando-a para cima pela minha veia até alcançar a parte interna do meu cotovelo. O que eu desejava fazer exigia muito mais sangue do que qualquer mortal poderia dar sem qualquer dificuldade,

apenas a verdadeira imortalidade da minha forma oferecendo uma salvação para ela.

O sangue jorrou aos montes da minha veia, pingando no chão aos meus pés quando me movi para colocar o pulso por cima da boca de Willow. Ela estava inconsciente enquanto eu pressionava seus lábios, sujando sua pele e permitindo que meu sangue se acumulasse na sua boca. Os arquidemônios ficaram em silêncio enquanto esperávamos o fluxo escorrer para o fundo da garganta dela, para o seu corpo consumir o que consertaria o mal feito à sua figura humana.

Uma respiração irregular encheu seus pulmões, seu pescoço se mexendo e estalando de volta para o lugar ao mesmo tempo em que os ossos se conservavam. Inclinei minha cabeça para a frente, puxando-a com mais firmeza para mim e sentindo alívio com o elevar e abaixar do seu peito em um ritmo estável e natural. Era o mesmo ritmo de quando eu a observava dormindo, as mesmas batidas de coração que ecoavam com suas respirações.

Meu sangue gotejava no chão e minha carne trabalhava para se recuperar, tensionando-se quando me levantei com Willow nos braços e me encaminhei para a porta. Seus gritos de dor começaram, rasgando meus tímpanos e me fazendo estremecer. A dor naquele som era inimaginável. Pensar no que ela devia estar sentindo para emitir barulhos daquele tipo mesmo nas profundezas do seu sono...

— Lúcifer, precisamos saber o que você quer que nós façamos. Está claro que os planos mudaram — Asmodeus chamou atrás de mim.

— Os planos podem esperar, porra — disparei, deixando que os arquidemônios causassem qualquer destruição que desejassem ao coven. Nenhum deles importava. Nada *daquilo* importava.

Apenas a bruxa nos meus braços.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2024**